



A EPOPÉIA DO NOVO MUNDO(**)

Hugo Jorge de Brito Chaves

1992 será marcado pela efeméride com que o mundo inteiro comemorará o 5º centenário de uma, senão a maior, aventura marítima de todos os tempos.

A Defesa Nacional participa dessas comemorações, através do "pequeno registro apologético" que dele faz este artigo, conforme assinalou o autor, ao encaminhá-lo à nossa redação.

Da antiguidade o grego Heródoto legou-nos um dos momentos mais preciosos acerca de viagens e explorações, com descrições minuciosas sobre tudo o que viu em volta do Mediterrâneo, ou seja, o mundo de então.

Já na Idade Média, os dados mais exatos, mais memoráveis e mais férteis em consequências estão numa das obras mais importantes que alguém nos legou em escritos na História — as crônicas do mercador veneziano Marco Polo, aos quais seus contemporâneos não deram a devida atenção. Polo foi o primeiro europeu, desde Alexandre, a incursionar na Índia, indo depois à Tailândia,¹ Vietnam, Oceania, toda a

China e a Sibéria. Pouco antes de morrer, em seu leito de moribundo, seu confessor e os *experts* locais, totalmente incrédulos, pediram-lhe, no momento de comparecer perante Deus, que dissesse se era verdadeiro tudo aquilo que descrevera. Marco Polo limitou-se a responder com a respiração ofegante e um leve movimento labial: “Garanto-lhes que não lhes contei a metade do que vi!”

No século XV, a energia e o desprendimento de um homem alargaram os horizontes das navegações para oeste. Trata-se do infante Henrique de Portugal, a quem deram a alcunha de “o navegador”, apesar de ele nunca ter entrado em uma embarcação em toda sua vida. Grão-Mestre da Ordem de Cristo, sem manter nenhuma ligação nem com a bebida nem com as mulheres, este filho do rei D. João I

(**) Selecionado pelo CPrep/ECEME

1. Procuraremos usar sempre os nomes atuais dos países.

mantinha-se permanentemente recluso, dedicando-se por inteiro a planejar as viagens que fizeram a glória de seu nome. Fundando em Sagres, ao sul de sua pátria, a primeira Escola de Navegação do mundo, ele afi alocou os melhores professores e profissionais da Europa. E, aos poucos, o infante colocava nos mares um novo capitão para, indo cada vez mais longe, navegar na costa ocidental africana. Por ocasião de sua morte, em 1460, os portugueses já haviam alcançado a Libéria e Henrique havia alicerçado, definitivamente, as fundações para o sucesso da navegação em todos os oceanos.

A intrigante pergunta que persegue comumente quase todas as inteligências que estudam o problema é por que razão o continente americano foi descoberto tão tarde? E a resposta é aparentemente simples: não existiam, como ainda não existem, correntes marítimas favoráveis para arrastar para oeste os navegantes ingleses, franceses, espanhóis ou portugueses. Quando algum deles aventurava-se além dos Açores, era forçado a regressar ao continente europeu pela poderosa *gulf stream*, a famosa corrente do Golfo do México.

Esta é a razão pela qual os selvagens Vikings foram os primeiros homens a tocar terras americanas, nunca por sua superioridade intelectual, mas porque eles sempre contornavam a Islândia, pegando em cheio as correntes da Groenlândia e do Labrador, inteiramente favoráveis no rumo sul. Ninguém nunca ficou sabendo o que se

passou com essas viagens dos nórdicos, a não ser que Erik fundou, em 982, uma colônia na Groenlândia, e que Erikson, por volta de 1100, foi o primeiro a desembarcar nos Estados Unidos, fundando *Vinland*, próximo ao Cabo Cod. Sabe-se também, e aliás inexplicavelmente, que a última viagem dos Vikings foi em 1347.

Mas nem Heródoto, nem Marco Polo, nem mesmo Henrique com sua visão privilegiada, conseguiram desbravar os caminhos do mar para oeste. Parece que as Colunas de Hércules marcavam, como rezava a lenda, os limites que a natureza impunha. Caso Nostradamus já vivesse (e por pouco ele não freqüentou o século XV), aproveitando a onda de profecias que percorre os computadores infieis deste final de século XX, é bem possível que ele previsse, em suas indecifráveis quadras, determinado bastardo da Ligúria como herói da travessia. No entanto ocorreu o que sempre ocorre quando o destino se interpõe nos destínios humanos.

Na manhã do dia 13 de agosto de 1476, um comboio de navios genoveses que transportava mercadorias para Lisboa foi atacado por uma frota francesa nas costas do Algarve e, após rude combate, três embarcações de Gênova naufragaram; mas alguns marinheiros conseguiram alcançar a costa a nado, ou agarrados em pedaços de madeira. Entre eles, encontrava-se um jovem tripulante cujo nome nunca mais abandonará o ambiente escolar em todos os recantos do universo: Cristóvão Colombo.

Como Portugal era hospitaleiro desde aquela época, o mancebo genovês, alcançando a capital, aí resolveu estabelecer-se. Durante vários anos Colombo viveu em Lisboa, como cartógrafo e pesquisador de livros, dedicando-se com afinco ao estudo de geografia, matemática e astronomia, uma vez que possuía acentuada bagagem de conhecimentos náuticos. Seu entusiasmo cresceu mais ainda por ter se casado com a filha de um renomado navegador, Pedro Perestrello, de quem teve um filho, nascido em 1480, e que pertencia à ilustre família lusitana.

A certa altura de seus estudos, Colombo fanatizou-se por um projeto no qual já vinha trabalhando desde que chegara à Lisboa, qual seja o de que, navegando para o poente, ele alcançaria as Índias, a China e o Japão, e encontraria as riquezas incomensuráveis relatadas por Marco Polo. Por esse tempo, ele empreendeu duas viagens com o sogro, uma ao Mar do Norte tocando na Inglaterra, em 1483, e outra à Guiné Africana, em 1485.

Façamos um necessário parêntesis. Como na maioria das páginas da História, não só a brasileira como a de quase todas as nações do mundo, a falsidade pontifícia e predomina pelo perverso hábito de ser repetida e ensinada. Corre a lenda que Colombo era o único homem de seu tempo que estava convencido da esfericidade da terra. Nada mais falso. Por incrível que possa parecer, todas as pessoas inteligentes e cultas pensavam do mesmo modo, e quase todos os professores de universidades ensinavam que o mais prová-

vel era ser o planeta redondo. A única coisa que faltava era provar o fato, e isto só seria possível se, navegando para oeste, fossem alcançados os pontos que Marco Polo descrevera quando viajara para o leste e, fator primordial, que distância teria de ser percorrida.

Colombo queria justamente provar, e para tanto passou a debruçar-se nas cartas do egípcio Ptolomeu, do florentino Toscanelli e de Marco Polo. Examinando cuidadosamente a viagem de Polo e fazendo um cálculo errado da circunferência da terra, ele chegou à conclusão que, dos Açores ao Japão, navegando para oeste, a distância não ultrapassaria 2.400 milhas.

Ora, sabe-se hoje que essa distância, em linha reta, é de cerca de 10.000 milhas.

A descoberta da América por Colombo foi, em suma, a consequência de um enorme erro de cálculo, e sua aventura teria um final trágico, caso o continente americano não estivesse situado entre a Europa e o objetivo real de sua viagem.

Além da ferrenha dedicação a seus estudos, Colombo levava enorme vantagem sobre seus contemporâneos que lhe valeram, mui justamente, seu imenso prestígio à posteridade: uma inflexível energia, uma força de vontade fora do comum, uma paciência de Jó, uma inquebrantável confiança em si próprio, e uma obstinação sem limites.

Acresce a tudo isto a profunda religiosidade de Colombo. Católico praticante, não só observava escrupulosamente todos os princípios da Igreja,

como se sentia um predestinado para uma grande missão em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo: os tesouros das Índias e da China, que ele pensava encontrar por um caminho muito mais curto, deveriam financiar a luta travada pelos cristãos para arrancar o Santo Sepulcro das mãos dos infiéis, alvo que as Cruzadas perseguiram infrutiferamente.

Pela primeira vez, em 1484, oito anos após o destino ter batido à sua porta, por ingerência do sogro, Colombo conseguiu ser recebido pelo rei de Portugal, D. João II, a quem submeteu seu audacioso plano de viajar para as Índias pelo poente, apesar de saber a fera que era o monarca, que recentemente matara seu cunhado pelas próprias mãos, por intrigas na corte.

O rei escutou atentamente Colombo, mas acabou convencido que estava diante de um falador fanfarrão. À desconfiança real, Colombo opunha uma tenacidade ímpar. Durante toda sua vida, a obstinação e a paciência de Colombo foram tamanhas, que ele nunca recuou um milímetro de suas idéias. E, ademais, para sua infelicidade, a "entourage de sábios" que cercava D. João não admitia em absoluto que se desse ouvidos às antigas charlatanices do novo Marco Polo.

Se Colombo habitasse o Brasil de hoje naturalmente não passaria os dissabores de ter que abandonar a hospitalidade de um país amigo pelos motivos que o fizeram deixar nossa pátria-mãe. Em nosso Brasil atual é difícil saber quem nada deve e, na maior parte das vezes, quem paga o

que deve. Colombo, que contraíra inúmeros débitos com credores privados, abandonado pelo sogro após ter ficado viúvo, na iminência de ser preso pelas autoridades portuguesas, cruzou a fronteira espanhola numa noite do final de 1485. Carregava, afora a parca bagagem de forasteiro fugitivo, o pensamento fixo na sua imaginária aventura de além-mar que jamais o abandonou.

Com o recente casamento de Fernando de Aragão com Isabel de Castela, a Espanha tornara-se um reino unificado e, neste encontro umbilical de amor e política, o genovês enxergou um sustentáculo para a concretização de seus sonhos.

Estabelecendo-se em Madrid, tratava-se, tão somente, de ultrapassar uma única mas grandiosa dificuldade: como poderia ele, estrangeiro desconhecido, fugido do país vizinho, sem amigos que o aproximasse, penetrar na corte de Suas Majestades Católicas e expor a eles seus planos mirabolantes? E, ainda por cima, convencê-los de que seus desenhos e cartas, aparentemente tão fantásticos, teriam possibilidades de êxito, conquistando-lhes o apoio em dinheiro, homens e navios?

Na verdade, Colombo talvez tenha sido a personagem mais teimosa, persistente e confiante de toda a História Universal! O destino não poderia desacorrentar-se dele jamais. E foi o que aconteceu, quando ele bateu à porta da casa do frade franciscano Antonio de Marquenas, no dia 24 de fevereiro de 1486. Marquenas era um renomado astrônomo que gozava de imensa consideração entre os cientis-

tas daquela época. Com três horas de conversação, Colombo já interessara Marquenas em seus projetos e, graças a ele, diversos contatos foram estabelecidos com as mais altas personalidades do país. Todos ficavam boquiabertos com a obstinação doentia daquele homem, e acabaram por concordar em apresentá-lo à rainha.

No dia 1º de maio de 1486, na imensa sala de audiência do Alcázar de Córdoba, Colombo estava por primeira vez diante da soberana, linda mulher de enormes olhos azuis e cabelos louros. Isabel escutou amavelmente e pacientemente sua vibrante exposição e, para surpresa de todos, encorajou-o a ir avante, com a ressalva de que estudos mais profundos fossem efetuados por um Conselho de Sábios do Reino o que, Colombo já o sabia de antemão, correspondia a um longo e difícil período onde ele continuaria exposto aos sarcasmos e às desconfianças. A única vitória assegurada foi Isabel ter consentido em arcar com todas as suas despesas em território espanhol.

Os tais "sábios" que, em Salamanca, examinaram os planos do genovês, abanaram a cabeça e chegaram à conclusão que suas afirmações careciam de total fundamento. Colombo chegou a discutir pessoalmente com eles, e daí surgiu a famosíssima lenda, outra entre muitas, do ovo quebrado para amparar firmemente suas fanáticas concepções.

Em junho de 1488, os "sábios" informaram à rainha de suas conclusões e Colombo viu repentinamente serem cortados seus subsídios.

Colombo optou por fazer nova tentativa junto ao rei de Portugal D. João II, solicitando-lhe um salvo-conduto para entrada naquele país sem sofrer os rigores da lei. O rei acedeu novamente e Colombo voltou a Lisboa, em dezembro de 1488. Quando estava por ser recebido pelo soberano, sua falta de sorte foi tão grande que, naquele exato momento, chegavam ao porto da capital lusa três caravelas sob o comando do capitão Bartolomeu Dias, que haviam saído no ano anterior e traziam a extraordinária novidade da descoberta do Cabo da Boa Esperança, o ponto mais meridional do continente africano e, como é lógico, o rompimento do caminho marítimo para as Índias que o infante Henrique e seus seguidores perseguiram por tanto tempo.

D. João II exultava e não se preocupava nem precisava de mais nada. Pelos mares do sul da África ele alcançaria, muito mais rapidamente, as riquezas que Marco Polo descrevera e outros orientais já conheciam.

Nosso entristecido herói não foi nem recebido, contentando-se em resolver problemas pessoais e manter, com Bartolomeu Dias, uma interessante troca de idéias que muito lhe valeram para deduções futuras. Ele permanecia convicto de que os portugueses, apesar da euforia generalizada, enganavam-se quanto ao rumo de leste. O "mapa da mina" designava o oeste.

Retornando à Espanha, em maio de 1489, ele solicita e obtém uma segunda audiência com a rainha Isabel, que dirigiu pessoalmente o cerco à cidade

de Baza, ainda de posse dos mouros. Antes, porém, Colombo não hesita um único momento aproveitando a oportunidade para colocar seus atos de acordo com seus princípios, defendendo seus ideais não só com a palavra mas também com a espada, e apresenta-se como voluntário para combater pelo cristianismo contra os pagãos.

Justamente nessa ocasião, a rainha Isabel recebeu emissários do Sultão do Egito, que eram portadores de uma mensagem na qual o monarca muçulmano ameaçava devastar completamente o Santo Sepulcro, caso a guerra contra o Islã prosseguisse na Espanha. Isabel, a formidável e intrépida, incansável defensora do catolicismo, que amava profundamente seu marido, mas mantinha rasgos de total independência, respondeu de imediato que o solo europeu só ficaria purificado quando o último dos islamitas fossem de lá escorraçados e que, como disse em dias recentes o ditador do Iraque, tratava-se de uma guerra santa de Cristo contra o demônio — só que para aquele lunático do crescente invertearam-se os papéis; no caso a guerra foi igualmente santa, mas de Maomé contra o diabo.

Colombo não perdeu a chance de insinuar-se junto à corte, demonstrando corajosa e, sempre fanaticamente, que seria facilíssimo financiar uma nova Cruzada para conquistar os lugares santos, se lhe dessem os meios para trazer os tesouros das Índias pelo caminho mais curto, não o sul da África, como propagavam os rivais vizinhos, mas velejando para oeste.

O momento não era propício para insistir. Fernando e Isabel jogavam todas as suas cartas na expulsão dos infiéis e o término da guerra, o que só veio a ocorrer em 2 de janeiro de 1492 com a capitulação de Granada, derradeira citadela moura em solo europeu. Colombo não cabia em si de felicidade, combatera ao lado de sua fé vitoriosa, e vislumbrava, agora, a realização concreta de seu sonho.

Qual não foi sua desilusão quando, dias após o grandioso desfile da vitória em Granada, ele é chamado para a audiência com Suas Majestades e cientificado de que seus projetos estavam oficial e definitivamente rejeitados, e que ele estava livre para apresentá-los a quem desejasse.

O teimoso genovês estava desolado, mas não se deixara abater. O otimismo e a certeza na realidade de seus objetivos eram de tal monta, que a ele só restava tocar para frente e aguardar ventos e dias melhores.

Saía de Granada com a firme intenção de cruzar a fronteira da França e recomeçar todo seu pérriplo junto à corte de Carlos VIII. Mas parece que a mão de Deus protege a glória da tenacidade. Colombo cavalcava já cerca de 64 milhas quando, no lugarejo de Piños-Puente, é alcançado por um mensageiro que, em nome e por ordem de el-rey, determinava que ele retornasse imediatamente à corte. Este instante marcou o ponto de partida de uma nova era na história da humanidade!

Ocorreu o seguinte milagre, e que os milagres existem não resta a menor

dúvida: um homem muito rico, financeiro e filantropo, que lera por várias vezes as razões de Colombo para sua empreitada, assim como o relatório negativo dos "sábios", Luís de Santangel, administrador de todos os bens privados do rei Fernando, chegou à conclusão que os "sábios" não eram tão sábios e que o "louco" igualmente não era tão louco. No mesmo dia da partida de Colombo de Granada, Santangel precipitou-se ao palácio dos reis, onde, reunindo-se a sós com Isabel, instou-a vivamente a engajar-se numa aventura que "por tão fraco risco poderia trazer incalculáveis lucros à Espanha e ao cristianismo". Santangel chegou a dramatizar, dizendo que se achava disposto a suportar pessoalmente o patrocínio de uma pequena frota. O mago das finanças conhecia bem a mulher com quem se encontrava dialogando para que a inclinasse ao consentimento e, melhor ainda, sabia que Fernando acataria o que a esposa decidisse. A rainha finalmente cedeu, e as portas abriram-se como num passe de mágica.

Colombo recebeu a patente real de Almirante do Mar Oceano, Vice-Rei e Governador Geral de todas as ilhas e continentes que conquistasse em nome de Suas Majestades Católicas. Ele receberia, ainda, um décimo do ouro, prata, pérolas, pedras preciosas, especiarias etc... que recolhesse. Os preparativos para a partida iniciaram-se imediatamente, e Colombo a tudo supervisionava em pessoa.

A rainha permitiu que fossem equipadas três caravelas, apesar de Co-

lombo ter optado pelo dobro: a nave capitânea *Santa Maria*, com cerca de 100 toneladas, a nave *Nina*, a predileta do genovês, com 60 toneladas, e a menor de todas, a *Pinta*, com 55 toneladas. Suas tripulações eram respectivamente de 40, 26 e 24 homens. Embarcaram-se víveres para a duração de 1 ano e renunciou-se ao embarque de armamentos e soldados, tendo em vista ser a expedição puramente explorativa, sendo o Grande Almirante portador de cartas dos soberanos espanhóis aos reis das Índias, ao Grande Khan da China e a hipotéticos reis japoneses.

No dia 3 de agosto de 1492, uma sexta-feira de linda manhã e forte calor, foi quando, logo após a missa embarcada, o Almirante deu ordens para levantar âncoras do porto de Palos, em Cadiz, no sul da Espanha. Ao despedir-se de Isabel, quando esta recomendou-lhe prudência pelos enormes perigos que teria que enfrentar, Colombo respondeu em latim com a famosa frase de Pompeu que anda muito em moda hoje em dia, até mesmo em música popular: *Navigare necesse, vivere non necesse* (Navegar é preciso, viver não é preciso). Perdoem-nos alguns historiadores, mas a frase é do excepcional general romano, e não do extraordinário navegador genovês.

Se, porventura, a marinha tivesse um patrono de natureza internacional, queremos crer que o voto quase unânime das nações por certo recairia em Cristóvão Colombo. O que este homem conseguiu fazer nessa travessia, sem contar com praticamente nada que o pudesse orientar de maneira mais se-

gura, é simplesmente algo de sobre-humano.

Começa aqui o drama que o imortalizaria. Colombo fez questão de organizar um diário de bordo que é talvez o mais interessante e completo que a história já registrou.

Apesar de, naquele tempo, nada se conhecer a respeito de correntes marítimas, o Almirante tinha certeza de que, tanto os franceses como os portugueses, que já haviam navegado para oeste, nunca conseguiram ultrapassar a longitude do arquipélago dos Açores, por alguma causa que o intrigava. Sua profunda intuição levou-o a buscar uma rota mais ao sul, e escolheu as Canárias como base para lançar-se ao desconhecido. Na verdade, desde algum tempo ele se convencera de que as Canárias, e não os Açores, encontravam-se na mesma latitude do Japão. Novamente o destino abençoou-o. Este novo erro deu-lhe ensejo a evitar a *Gulf Stream* e pegar ventos de nordeste pelas costas. Interessante se torna esclarecer que naquele final de século XV era perfeitamente viável determinar-se a latitude de um lugar, mas quase impossível determinar sua longitude. A idéia de Colombo era tirar uma linha reta de Las Palmas e, seguindo o mapa de Marco Polo, atingir o Japão ou a China.

Em 10 de agosto, os três navios alcançaram as Canárias onde novos carregamentos foram postos a bordo, e onde quase um novo risco fez com que a expedição retardasse ainda mais sua largada final. Colombo travou conhecimento afi com uma lindíssima jovem

viúva de apenas 30 anos, Doña Beatriz de Peraza, que transtornou sua cabeça como já havia virado a cabeça do rei Fernando, salvo pela severa intervenção da rainha Isabel, que ordenou que ela se retirasse da corte para o arquipélago.

O Almirante parecia sucumbido aos encantos dessa dama, ele, um calejado marinheiro de 41 anos de idade, viúvo, e que ainda nos anos de espera ansiosa na Espanha voltara a encontrar o amor numa jovem de Córdoba de apenas 18 anos, a quem não desposara, evidentemente por razões de conveniência (a moça era uma espécie de sua empregada doméstica), mas que lhe deu o segundo e último filho. Não, para o veterano homem do mar a tentação em hipótese alguma poderia deixar de ser sobrepujada. E ainda mais que para ele pouco faltava na esperança de conquistar o objetivo de toda sua vida, sua obstinada e doentia vontade de alcançar o que determinava seu pensamento. A separação e as despedidas de Dona Beatriz foram mais que "calientes", com juras de amor eterno e ingredientes chorosos, culminando ressaibos de um namoro que não se concatenava com a idade do Almirante.

No dia 9 de setembro de 1492, o comboio partiu rumo ao infinito, ao desconhecido. A viagem transcorria dentro de uma tranquilidade assustadora. Após os primeiros 15 dias, começaram a ouvir-se sussurros de descontentamento entre a tripulação. O Grande Almirante procurava tranquilizar a todos. Ele gostaria de ouvir de seus homens aquilo que Dante dis-

sera a Virgílio, na descida ao Inferno: *Tu duca, tu signore e tu maestro* (tu és meu guia, meu senhor e meu mestre). Ele não se cansava de repetir que avistar terra era tão somente uma questão de dias. No vigésimo-quinto dia de mar, os oficiais pediram uma reunião com o Almirante e ponderaram-lhe que talvez fosse melhor dar meia-volta e regressar. Colombo, sozinho, resistia a tudo e a todos. Que terrível força enigmática guiava a mente desse predestinado!

Foi então que, no dia 7 de outubro, produziu-se um fenômeno corriqueiro, mas de tão considerável importância, que mudou o curso da História. Colombo observou um numeroso grupo de pássaros, possivelmente migrantes, que voavam por cima das embarcações e lembrou-se logo que foi, pelo vôo de aves, que os portugueses haviam descoberto os Açores. Imediatamente ordenou, pela primeira vez desde que deixaram as Canárias, que o rumo absolutamente reto de latitude fosse alterado em 30° para sudoeste, justamente de onde vinham os pássaros. Foi a salvação de Colombo. Caso ele tivesse mantido a direção exata leste-oeste, levaria muito mais tempo para alcançar terra, e é bem possível que não conseguisse seguir a rebeldia de seus marrujos. Certamente seu ponto de contato seria o norte da Flórida, a Geórgia ou a Carolina, ainda mais que ele entraria no coração da *Gulf Stream*.

A noite de 10 de outubro foi a mais crítica de toda a travessia. A pequena frota já navegava sobre os mares duas vezes mais tempo que qualquer outra

embarcação o fizera em todos os tempos. Os três capitães, que por sinal eram irmãos, Martin, Francisco e Vicente Yanés Pinzon, este último bastante conhecido dos brasileiros, motivo de celeuma entre os estudiosos de nossa história por ter tocado, pelo menos dentro de aceitáveis considerações, a costa do Brasil antes de Cabral, vieram ao encontro do Grande Almirante fazendo-lhe ver que já não conseguiam refrear o ânimo exaltado de seus homens, e existia a ameaça latente de motins a bordo.

Situação delicadíssima. A certeza de Colombo contra o medo de todos os demais. Ele determinou que se reunissem todos os oficiais na nave capitânea e proferiu então a famosa promessa de que, se dentro de mais três dias não fosse avistada terra, ele daria ordem de inverter o rumo de volta. Com lágrimas nos olhos o alquebrado genovês sentia que, tão prestes a ganhar a grande partida de toda sua vida, empenhara sua palavra que poderia pôr tudo a perder. E não mais dormiu. Foram 48 horas de espantosa atividade física e mental. Ele tirou de sua manga as derradeiras cartas que lhe restavam, jogando com toda sua sabedoria, sua inteligência, seu tino, sua largueza de vistas, suas orações e sua fé inabalável de católico extremado.

Começou por ordenar que todas as velas fossem desfraldadas, mesmo durante a noite e, com um instinto mágico, um daqueles estalos que surgem repentinamente no consciente dos obstinados em desespero, ordenou uma mudança de rota mais 10° a sudoeste.

Seus olhos não largavam um minuto a bússola e o horizonte. Sua fiel devoção de servo de Nossa Senhor Jesus Cristo não poderia fazer com que fracassasse. Afinal seu nome não era Cristóvão, o santo que, segundo a lenda, carregara o menino Jesus nos ombros através de um rio, o santo padroeiro dos viajantes?

Às 2 horas da madrugada do dia 12 de outubro de 1492, ouviu-se um grito na vigia da *Pinta*: "Terra! Terra!" Colombo, que não mais dormia, apurou o olhar na proa da *Santa Maria* e mal podia acreditar no que via: ao clarão de uma lua cheia, o brilho de uma estreita faixa de areia branca, o primeiro pedaço de terra após 33 dias ininterruptos em pleno mar. O Almirante exultava, gritava, abraçava a todos. Era, enfim, a vitória da perseverança. Os espanhóis haviam chegado, sem o saber, na costa oriental de uma das Ilhas Bahamas, exatamente a que hoje tem o nome de Watlings Island.

Com o clarear do dia, Colombo, que não cabia em si de contentamento, se fez conduzir à terra com alguns de seus oficiais, empunhando em sua mão esquerda a bandeira real de Espanha. Todos se ajoelharam, tomaram um pouco de terra em suas mãos e renderam graças a Deus com lágrimas escorrendo pelas faces. Colombo levantou-se e, fazendo o sinal da cruz, batizou o lugar com o nome de São Salvador, tomando posse em nome de Suas Majestades Católicas. Aproximaram-se logo os habitantes locais, completamente nus e de pele bronzeada, mostrando-se pacíficos e amáveis. Houve troca

de presentes e uma busca incessante em interpretar uma linguagem que para os europeus era inteiramente desconhecida.

Na verdade Colombo não sabia onde se encontrava, e nunca ninguém lera nada no mundo que descrevesse uma raça humana que se assemelhasse a esta, mormente por não portarem nenhuma espécie de vestimenta. Tudo era desconhecido: os indígenas, as árvores, as plantas, o tipo de areia nas praias, a língua, o modo de vida, os costumes etc... Mas, descartando totalmente a hipótese de ter alcançado o Japão ou a China, Colombo acreditava cabalmente que tocara numa região ainda desconhecida das Índias, daí ter dado aos habitantes daquele lugar indefinido o nome de índios.

Entre a mímica, que sempre salva alguma coisa em situações semelhantes, os indígenas apontavam seguidamente para sudoeste, como a quiserem dizer que algo mais importante encontrava-se naquela direção.

O Almirante resolveu partir na tarde do dia 14 de outubro e navegou à direita e à esquerda por vários dias, seguidamente encontrando pequenas ilhas e tentando desesperadamente alcançar um verdadeiro continente com minas de ouro, prata e pedras preciosas.

Finalmente, no dia 28 de outubro, um domingo, as embarcações alcançaram um local que os selvagens chamavam, em seu estranho linguajar, Cuban ou Cuba, que, por sua extensão, Colombo julgou tratar-se do tão procurado continente com as riquezas des-

cristas por Marco Polo. Nova deceção, nada de metais ou pedras preciosas. Os mesmos indígenas, as mesmas árvores, o mesmo ambiente. O único consolo para os marinheiros foi o fato de que os "índios" receberam-nos como deuses vindos diretamente do céu, e as mulheres e jovens entregaram-se de tal modo que os europeus, após tanto tempo de uma forçada abstinência sexual, chegaram a exagerar. As consequências é que foram funestas, pois a terrível sífilis, até então desconhecida do outro lado do Atlântico, mas que grassava em estado endêmico entre os indígenas americanos, transportou-se para o Velho Mundo, numa verdadeira epidemia que se alastrou assustadoramente no século seguinte.

A alegria inicial de Colombo transformava-se, dia a dia, numa monumental angústia, pela necessidade que ele tinha de regressar com algo que demonstrasse aos monarcas que a dispendiosa empreitada não fora em vão. Durante seis semanas ele percorreu toda a costa cubana e, no dia 20 de dezembro, o comboio penetrou numa baía de fantástica beleza, como nunca antes fora vista. Era a baía de Acul no Haiti. Colombo afi parou, e a acolhida foi com a mesma amabilidade por parte dos autóctones. O chefe local, cacique Guacanagari, enviou-lhe um mensageiro de boas-vindas com diversos presentes, entre os quais, para grata surpresa do Almirante, algumas pepitas de ouro. Seu deslumbramento foi de tal natureza que, no dia 24, ele resolveu visitar a vila habitada pelo cacique, a fim de passar o Natal em sua

companhia. Nunca o Almirante havia penetrado tanto terreno além da orla marítima.

Entretanto, a noite de Natal reservava um acontecimento trágico para os espanhóis. Pouco depois da meia-noite, com o mar tempestuoso e revolto, as violentas ondas agitavam toda a aprazível baía. O grumete, que o timoneiro da *Santa Maria* colocara temporariamente em seu lugar para poder festejar a data com os companheiros, adormecera e permitira que o leme batesse em um recife tão violentemente, que abriu um rombo no casco inferior. O corre-corre foi enorme, e Colombo, chamado imediatamente, ao chegar constatou que dificilmente poderia salvar sua nave capitânea, mormente pelas condições do tempo e do mar. Deu as ordens necessárias para que todos se pusessem a salvo e aguardou o clarear do dia. Pôde constatar então que seria impossível a recuperação, e mandou que todo o carregamento da nau fosse transportado para terra, inclusive com o auxílio dos selvícolas que ficavam deslumbrados com as coisas que viam. Guacanagari ofereceu trocar algumas bobagens europeias por pepitas de ouro, e, à vista disso, Colombo quase não lamentou a perda de seu navio, convencido de que realmente encontrara o filão de Midas.

Colombo resolveu batizar esse novo lugar, que ele ficou sabendo tratar-se de outra grande ilha, de Hispaniola, e deu ordens para que fosse erguido um forte com o aproveitamento do madeirame e tudo mais que restasse da

Santa Maria, e no qual ficariam aguarelados 39 homens voluntários que, lamentavelmente, nem enriqueceram, nem prosperaram, nem ao menos chegaram a rever seus irmãos de cor, pois esta primeira colônia europeia em plagas americanas desapareceu completamente sem que se saiba, até hoje, o que de fato ocorreu.

No dia 2 de janeiro do novo ano de 1493, o Almirante despediu-se dos corajosos marujos que ali deixava, de Guacanagari, de quem se tornou amigo, pediu e obteve que seis indígenas embarcassem com ele e, subindo a bordo da *Nina*, navegou ainda alguns dias pela costa do Haiti, até a embocadura de um rio, que ele chamou de "Rio del Oro", por ter constatado, com imensa alegria, a existência do precioso metal e recolhido pepitas do tamanho de lentilhas.

Supostamente julgando tratar-se das "Minas do Rei Salomão", e louco por levar a boa nova a seus soberanos, o Almirante resolveu, no dia 16 de janeiro, tomar a direção da Espanha e o alto-mar. A viagem de retorno a porto seguro, coisa curiosa, foi cem vezes pior que a vinda ao desconhecido. Só o esmerado talento náutico de Colombo tornou possível concluir com êxito a missão. Ele optou por colocar o rumo da bússola diretamente do Haiti para a Espanha, o que contrariava tudo que fizera na vinda.

Tremendas tempestades e verdadeiros vendavais acolheram as duas frágeis embarcações. A situação chegou a ficar desesperadora entre os dias 4 e 7 de fevereiro. Era o auge do inverno

e o Grande Almirante, sem o saber, havia pego os ventos das Bermudas, violentíssimos ainda hoje, se bem que ninguém acredite muito no tal "Triângulo" que faz desaparecer até aviões a jato supersônicos.

A 13 de fevereiro, outro temporal fez com que a *Pinta* desaparecesse e perdesse contato com a *Nina*. Somente cinco dias depois, com a normalização do tempo, e um lindo céu de "brigadeiro" despontando, a atual nave capitânea avistou terra e, aproximando-se, lançou âncora. Pelos habitantes locais o Almirante soube que estava na ilha de Santa Maria nos Açores. Mais uma vez ele havia vencido. Traçara seu rumo e nem as seguidas intempéries o afastaram da rota.

O governador da ilha, um português de nome João de Castanheira, fez ver ao Almirante que os Açores eram interditados a qualquer nau espanhola, e nem mesmo as explicações do genovês, suas espantosas notícias da descoberta de novas terras, fizeram-no recuar. Reembarcaram todos e, na manhã de 23 de fevereiro, deixaram o arquipélago português para a pátria que estava tão perto. Novas tempestades, novos castigos celestiais, novas preces e a inquebrantável fé e devoção de Colombo. Mas, desta vez, tão gigantescas, que os estragos na *Nina* foram de tal monta que foi impossível ao Almirante manter a linha reta oeste-leste que o levaria ao seu exato ponto de destino.

Ao meio-dia de 3 de março, avistaram novamente terra e, ao cair da tarde, o Almirante reconheceu o ro-

chedo de Cintra, onde ele por tantas vezes estivera a espreitar o mar e o horizonte. Ali estava a embocadura do seu velho rio Tejo e ele, numa decisão imprevista e inopinada, determinou que fosse feita a manobra para a entrada no grande rio lusitano. A *Nina* jogou âncora junto ao cais de Lisboa às nove horas da manhã seguinte. Acontece que Colombo era passível de prisão em terras portuguesas. Graças à intervenção de Bartolomeu Dias, o "inventor" do Cabo da Boa Esperança, que era um ídolo em sua pátria e que veio pessoalmente a bordo, os problemas foram contornados e ficou acertado que Colombo seria recebido em terra dentro de sua dignidade de Grande Almirante do Mar Oceano, com toda pompa e circunstância a cujos feitos lhe outorgavam o direito.

E assim foi feito. Dentro de alguns dias Colombo foi recebido pelo rei D. João II, com todas as honras e com a expressão de seu júbilo e congratulações pelas descobertas do "grande navegador". Porém não faltou a D. João uma ponta de ironia quando lhe agradeceu por descobrir terras que se situavam dentro da zona de soberania da Guiné, logicamente portuguesas, o que, no dizer do monarca, "mais tarde poderá ser decidido por meios diplomáticos". D. João fez questão igualmente de mandar reparar todos os estragos da *Nina*.

Dez dias Colombo passou em Lisboa e, em 13 de março, largou pelo Tejo com toda pressa de ganhar território espanhol. O Almirante nutria fundadas esperanças de chegar antes da

Pinta, que ele nem sabia onde se encontrava, para que fosse o primeiro portador da mais importante notícia do século junto aqueles que o financiaram.

Em realidade a *Pinta*, desgarrando-se em pleno vendaval do Atlântico, cruzara os Açores pelo norte e tocara terra nas proximidades de Vigo, quase na fronteira de Portugal com Espanha. De lá velejara para o sul em busca de seu porto original, alcançando Palos pouco depois da *Nina* af fazer sua entrada triunfal, ao meio-dia do dia 15 de março de 1493, 32 semanas após sua partida e 17 anos após as ondas lançarem na Península Ibérica o homem que, invertendo Castro Alves, abriu a porta "dos teus mares".

Colombo vivia o auge de sua existência, o ponto culminante da trajetória de sua vida, um triunfo que o recompensava de todos os sofrimentos e esforços dispendidos no passado mas que, infelizmente, não compensaria as amarguras que um ingrato futuro ainda lhe reservava.

Ele afirmava categoricamente que, ao invés do Japão ou da China, alcançara as Índias. Estava piamente convencido deste fato e, o que é pior, morrerá ignorando que descobrira um novo continente. E, assim como o Grande Almirante, todos na Espanha passaram a acompanhar o que ele afirmava.

Durante duas semanas Colombo descanhou em Cádiz. Depois fez uma entrada colossal em Sevilha, onde foi recebido como herói e maior homem do século. De cidade em cidade as mes-

mas festas, homenagens, honrarias. O que maior espanto causava em todas aquelas populações era o aspecto dos seis indígenas que ele trouxera, e que conseguiram sobreviver apesar dos pesares.

A chegada do Almirante em Barcelona, a belíssima capital catalã, e onde estavam os reis, deu-se a 12 de abril de 1493. Toda a corte, personalidades, diplomatas estrangeiros, convidados especiais, o aparelho estatal em sua plenitude achava-se nas portas da cidade para o acolher fervorosamente. Ao chegar ao Alcázar, uma brilhante recepção esperava. Colombo atravessou o longo salão a passos largos e, chegando diante de Fernando e Isabel, ajoelhou-se curvando a cabeça respeitosamente. O rei determinou que ele se levantasse, ele beijou as mãos da rainha, sua fada, com os olhos marejados de lágrimas, e o soberano convidou-o a sentar-se ao lado do infante D. Juan. A seguir o arauta real passou a ler uma proclamação relatando os feitos daquele genovês que entrara na história para nunca mais sair. Barcelona, que agora, 500 anos passados, em felicíssima escolha, em 1992 será sede das Olimpíadas Universais, saberá, não temos a menor dúvida, recordar com acentuado e redobrado júbilo aquele dia.

O Grande Almirante do Mar Oceano ainda faria mais três viagens às "Índias", na última das quais regressou à Espanha, em novembro de 1504, e tomou conhecimento da morte de sua protetora a rainha D. Isabel I. Como aconteceu com inúmeros e brilhantíss-

simos vultos históricos que o precederam, e acontecerá com muitos outros que o sucederão, Cristóvão Colombo morreu esquecido e pobre, no dia 20 de maio de 1506, na cidade de Valladolid. Somente seu irmão Bartolomeu, que com ele velejou em várias ocasiões, seu filho mais velho Diego, que também com ele esteve em terras americanas, o filho menor Fernando, e poucos veteranos companheiros de aventuras assistiram aos funerais. Falecia com 55 anos mas aparentando muito mais.

Mas não foi só o mundo que gravou sua ingratidão eterna a este fabuloso homem, negando-lhe o nome ao continente que ele descobrira. É inadmissível para nós hoje, 500 anos depois, aceitarmos que um florentino de muito menor talento, e que só navegou por estas bandas bastante depois de Colombo, pela simples razão de manter boas relações com um cartógrafo alemão, fizesse com que este imprimisse numa carta geográfica global o curioso nome "Terra América", palavras latinas que, por fatalidade cruel, rendendo uma inadequada homenagem ao cidadão Américo Vespuícius, entraram no glorioso continente do Novo Mundo como Pilatos entrou no Credo.

Na realidade, também nosso Brasil é ingrato para com o Almirante do Mar Oceano, o descobridor da "América", o desbravador herói dos mares, obstinado por vencer em prol da humanidade.

Enquanto figuras e personagens sem tanta ou nenhuma expressão histórica

ostentam pomposamente seus nomes nas placas de algumas das principais artérias e logradouros da capital cultural de nosso país, o nome de Cristóvão Colombo, que qualquer criança carioca ou brasileira repete com facilidade quando indagada a respeito, encontra-se obscuramente colocado numa pequena e abandonada ruela de subúrbio.

E, no entanto, numa demonstração de rara grandeza, na capital cultural da maior potência do mundo, onde igualmente Colombo nunca colocou os pés em suas viagens, que também não

faz parte de la Hispanidad, e onde 95% dos logradouros públicos têm indicação numérica, lá está, para que todos os viajantes de todas as partes do planeta que para lá convergem vejam e admiram, a *Columbus Avenue* e o *Columbus Circle*, no centro da ilha de Manhattan.

Talvez seja chegada a hora, com razoável antecedência, de corrigirmos certas absurdas injustiças e engajarmo-nos firmemente nas grandiosas comemorações deste meio milênio da epopeia do Novo Mundo!



HUGO JORGE DE BRITO CHAVES. Tenente-Coronel do Exército, pertence à turma da AMAN de 19.12.53. Bacharel em Direito pela UFRJ, dedica-se a atividades profissionais jurídicas, a partir de sua transferência para reserva, em 1984. Foi professor de História do Brasil e História Universal na Faculdade de Filosofia de São Gabriel, RS, de 1970 a 1973, e professor de Teoria Geral do Estado na Faculdade de História de Santiago, RS, disciplina da qual se fez titular, pelo Ministério da Educação (Documento n.º 280, de abril de 1984). Conferencista em diversas cidades do Rio Grande do Sul e em diversos órgãos do Rio de Janeiro, abordando, principalmente, temas de História do Brasil e História da França.